

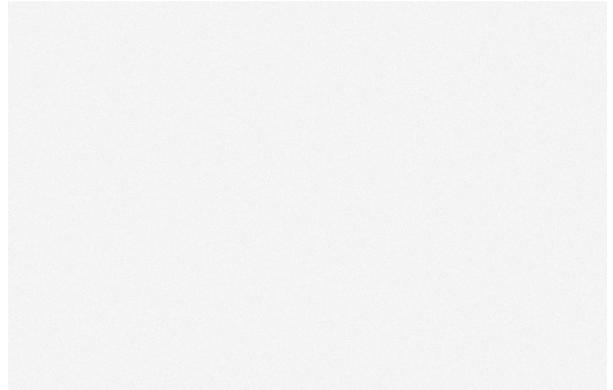
O CORPO, A SEXUALIDADE E O ERÓTICO NA OBRA DE JÚLIO POMAR

visualização de correspondências entre obra literária e obra pictórica

SALOMÉ_POMAR_txt_1

Desenhar ou escrever consiste em dar forma ao que se sente.

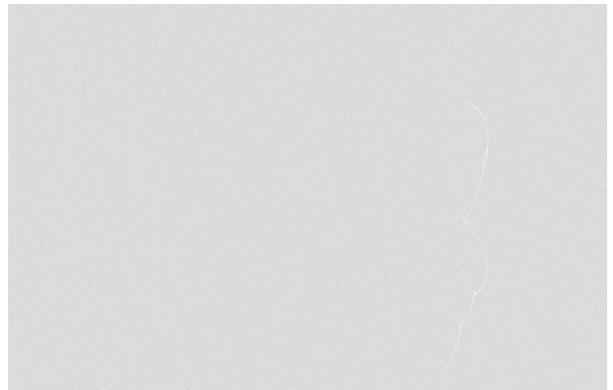
SP_00_B



SALOMÉ_POMAR_txt_2

A imagem e a palavra conservam as suas possibilidades de sentido, independentemente do facto segundo que a sua inserção no discurso constitui.

SP_01_B



SALOMÉ_POMAR_txt_3

A imagem é enganadora; e esta qualidade é, ao mesmo tempo, a sua razão de ser. A imagem, presa na armadilha pelo quadro, enxerta no inerte o que dança nos espelhos.

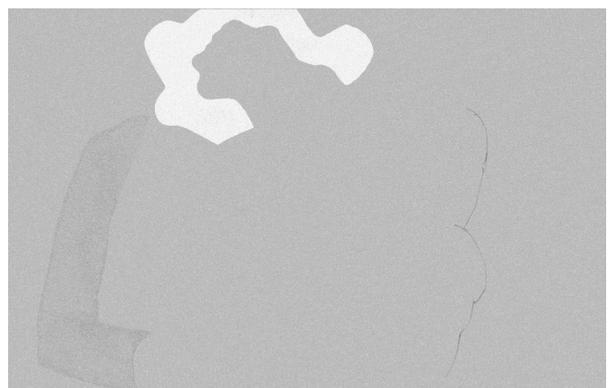
SP_02_B



SALOMÉ_POMAR_txt_4

Cabeças cortadas pelo bordo do quadro era a recusa de ser contido por, o querer rebentar com, era o querer passar além dos limites, era o já não poder mais.

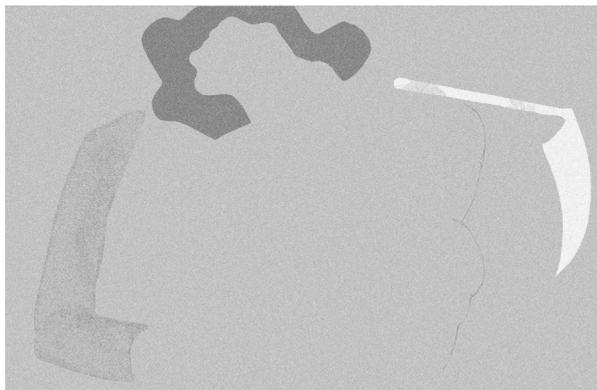
SP_03_B



SALOMÉ_POMAR_txt_5

A terra está estafada. Falta-lhe seiva.
Os frutos saem chocos. Por quanto tempo
perdurará ainda a seca?

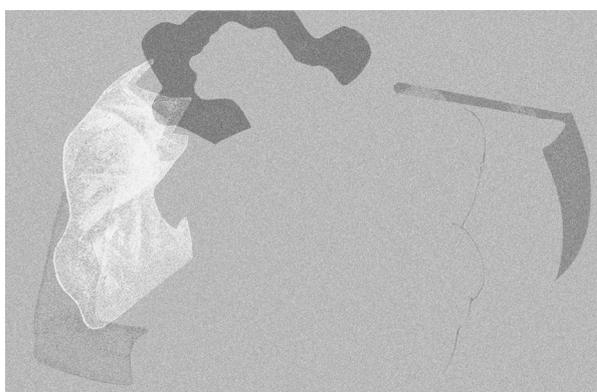
SP_04_B



SALOMÉ_POMAR_txt_6

Obrigado, amor, por tudo quanto
no minuto mais pequeno avolumas
e tornas vertical face à tristeza
das coisas que a si próprias se assassinam.

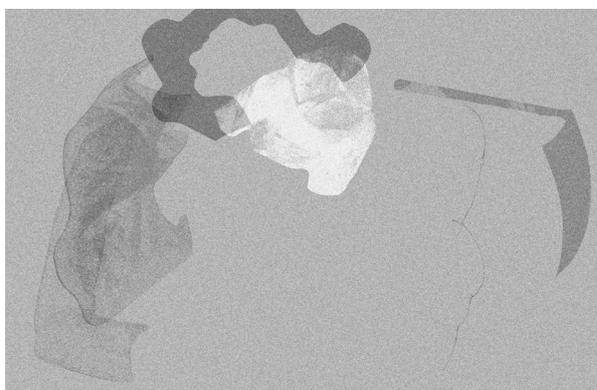
SP_05_B



SALOMÉ_POMAR_txt_7

O artista exprime, realiza o que nos homens
está latente - reacções, aspirações, o seu
combate e a sua vontade.
Torna a realidade inteligível ao homem.

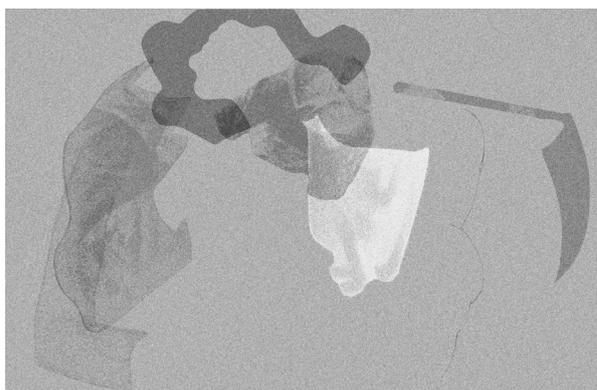
SP_06_B



SALOMÉ_POMAR_txt_8

Porque estão imóveis, petrificadas, como se a
visão da catástrofe as tornasse estátuas, cor-
tando a respiração, o correr do sangue, e lhes
imobilizasse as feições num esgar de espanto?

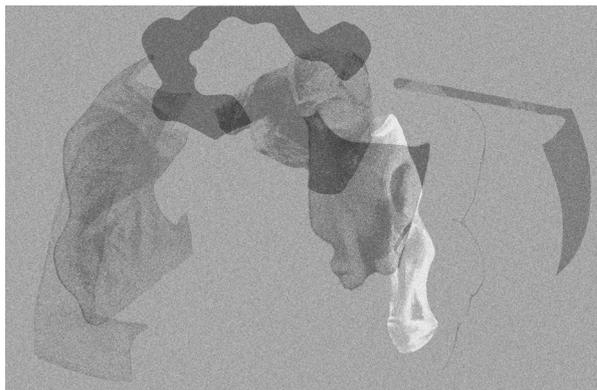
SP_07_B



SALOMÉ_POMAR_txt_9

O assunto não é o conteúdo, é um pretexto, e mais nada.
Os conteúdos das minhas telas são “as razões que me ajudam a viver”.

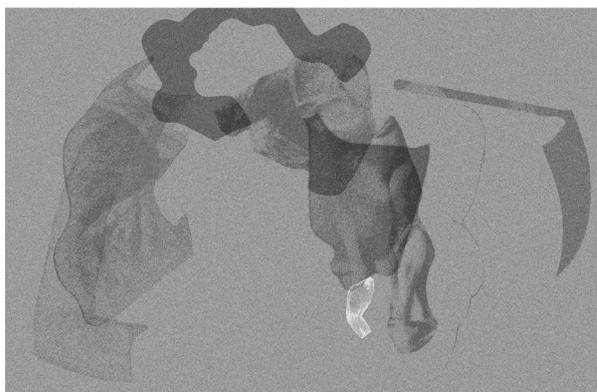
SP_08_B



SALOMÉ_POMAR_txt_10

Cada vulto que surge tem de andar sozinho desde o princípio do mundo.

SP_09_B



SALOMÉ_POMAR_txt_11

O assunto da pintura não era político, era uma festa popular, era o S. João.
A PIDE prendeu-me antes de o mural estar pronto.

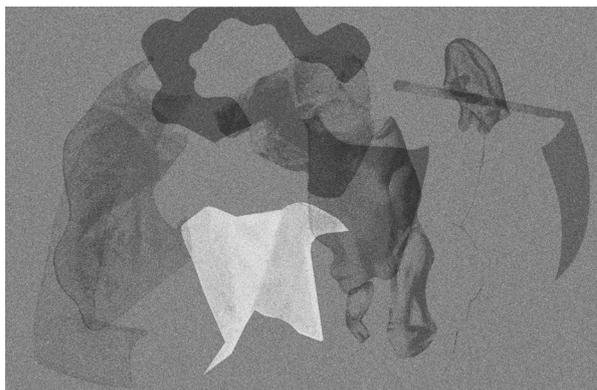
SP_10_B



SALOMÉ_POMAR_txt_12

Tu falas. Tens tanta necessidade de falar, que se acaso to proibissem totalmente, totalmente perderias a feição de homem.

SP_11_B



SALOMÉ_POMAR_txt_13

Toda a cor tem um traço e todo o traço é uma cor.

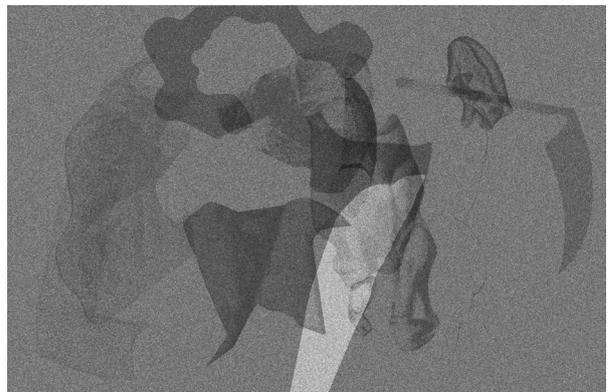
SP_12_B



SALOMÉ_POMAR_txt_14

Gosto das formas que se tornam outras.

SP_13_B



SALOMÉ_POMAR_txt_15

O corpo, o aspecto, a forma de aparecer, de parecer, de parecer ser: tão particularizados como as feições do rosto – essa tradicional identidade do imediato.

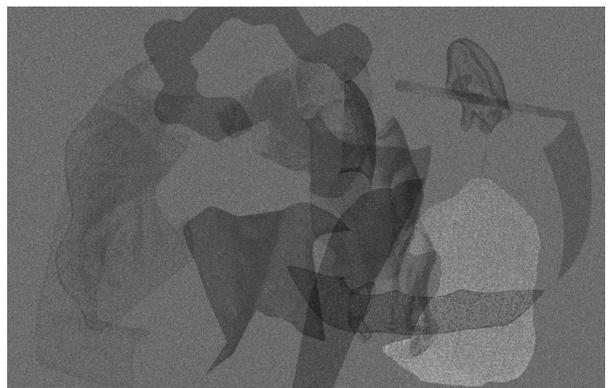
SP_14_B



SALOMÉ_POMAR_txt_16

O meu trabalho alimenta-se daquilo que despedaça. Depois de ter engolido os filhos, Saturno rói as unhas. E depois o coto.

SP_15_B



SALOMÉ_POMAR_txt_17

Debati-me diante da tua face como a fêmea do açor no seu primeiro cobrimento. Mas a tua saliva vestiu-me de branco o dentro do corpo.

Os meus peitos sobem ao teu bafo e o meu corpo é como o galho na Primavera quando lhe ascende o suco da terra.

SP_16_B

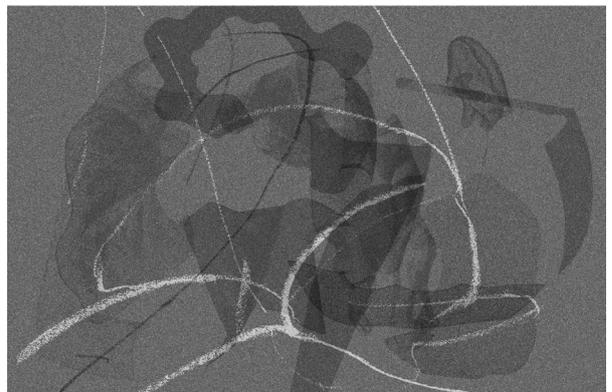


SALOMÉ_POMAR_txt_18

No negrume da tua testa no sono provei com a minha boca a maciez do lírio e do cingir-te com a minha vulva o silêncio do toiro sob as gotas da noite.

Deitados num mar de leite veneramos a mesma ilha de metal e osso por dentro da carne e a alma que está na polpa dos dedos e do dorso.

SP_17_B

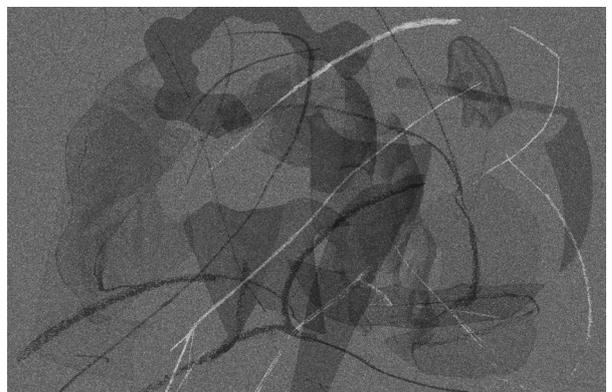


SALOMÉ_POMAR_txt_19

Porque onde tu dizes pátria e ovo e eu digo toda a terra erecta do teu falo, canoa e horto. E onde não falamos a fricção da nossa pele gera mais sóis.

Agarra o meu cabelo que eu te arredondo o mundo e me concitas pela tua mão aos outros continentes, mares irmãos.

SP_18_B

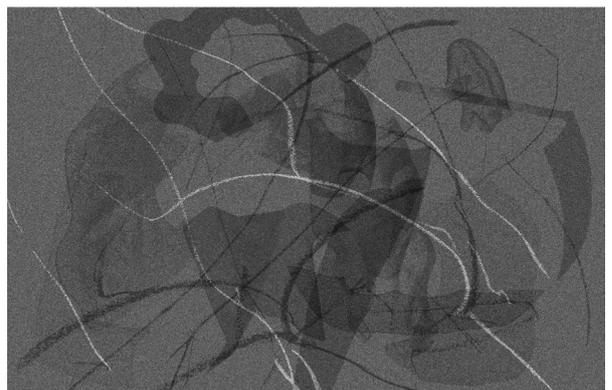


SALOMÉ_POMAR_txt_20

Meu amado de alma como uma boca certa, adorno dos meus rins sob as roupas.

Vestida do teu suor fui sobranceira ao medo. Mas todos os templos batidos pelos ares estão nas colunas das tuas coxas. Venerado o teu septo nasal e a pele do crânio como se foram da criança própria surge o susto – todo o amor é abolição de limites, até do próprio corpo.

SP_19_B

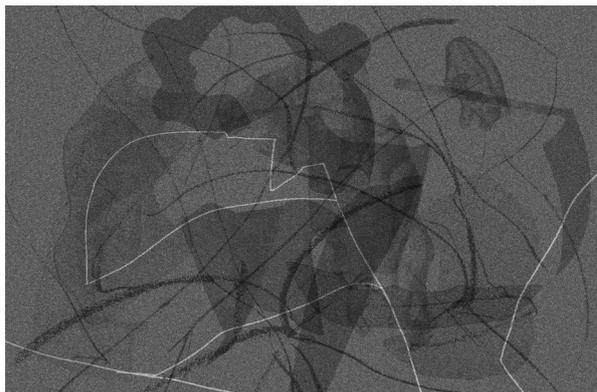


SALOMÉ_POMAR_txt_21

*As nossas mãos a concha, tanger do mesmo
músculo submerso.*

*E a tua estrofe com o seu somido de altíssimo silên-
cio na viagem dentro do casco da ilha, o tambor
íntimo.*

SP_20_B

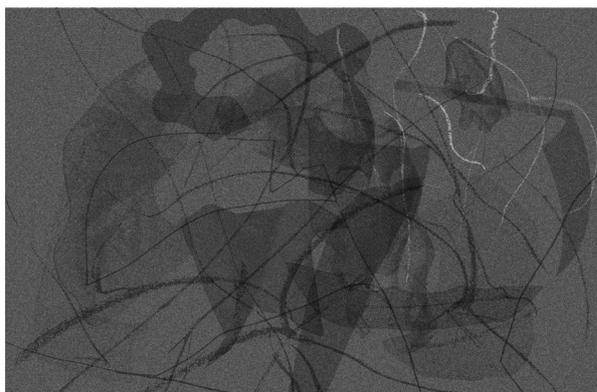


SALOMÉ_POMAR_txt_22

*A tua boca sobe à minha boca como uma só língua
de todas as línguas.*

*Comovem-me os teus quadris de guerreiro virgem.
E as tuas mãos estão na minha garganta como um
colar de opala e âmbar, os teus tornozelos enla-
çados nos meus são como as asas da borboleta
nocturna e os guizos da dança.*

SP_21_B

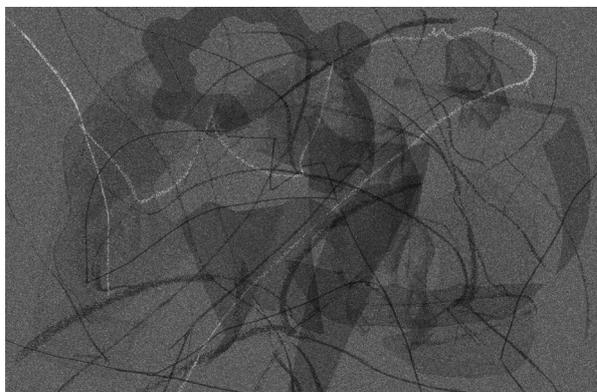


SALOMÉ_POMAR_txt_23

*O sol do teu umbigo, úbere das tuas mãos, não
resplandece mais que esse membro que entre ti e
mim nos convoca e contempla.*

*Como uma estátua equestre no vácuo, em pura
prata estelar, nos montamos.*

SP_22_B

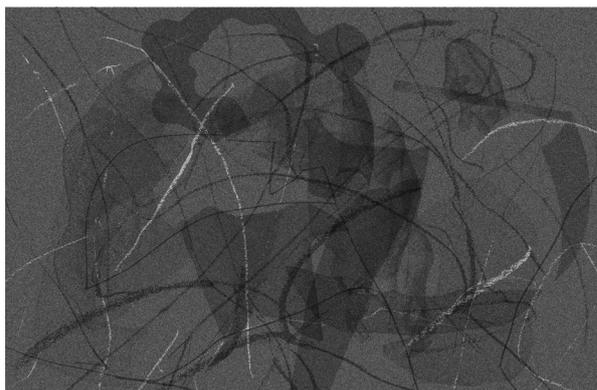


SALOMÉ_POMAR_txt_24

*A tua cabeça é a rosa real, o cordeiro escuro, e as
minhas coxas fremem à passagem do teu rebanho.*

*Nas omoplatas falta-me o vagar dos teus pulsos. O
teu rosto sobre o meu rosto na obscuridade rasga
estes véus entre a matéria e o ânimo.*

SP_23_B

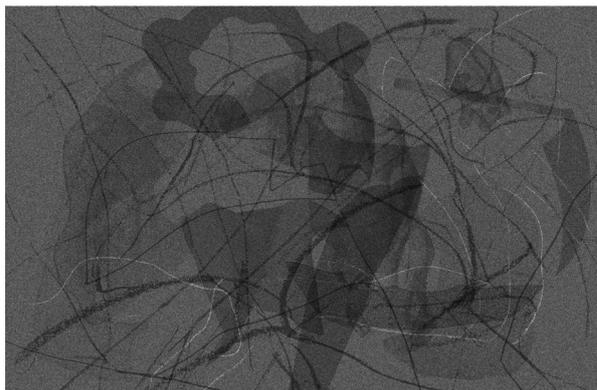


SALOMÉ_POMAR_txt_25

Moro no teu torso, perfume e falas. Conheço a tua língua e o teu vagir-me nas entranhas como uma cidade contínua.

Vens como um cetáceo escuro sob os gelos ao cristalino dual. Sob o fulgor dos membros, sobre o marfim dos ossos, o nervo de oiro do desejo.

SP_24_B

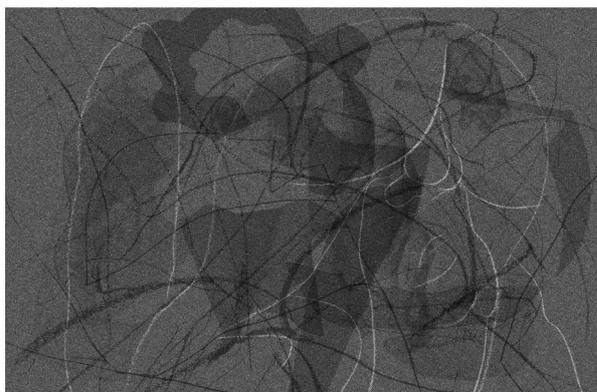


SALOMÉ_POMAR_txt_26

A tua cintura cintilante de água negra dobra, como um sino na penumbra, o canto dos meus braços.

Que o meu irmão me beije e se beije no meu beijo como se fôramos a flor de outra justiça.

SP_25_B

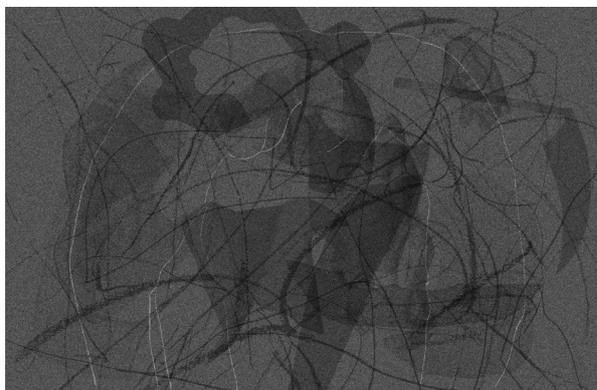


SALOMÉ_POMAR_txt_27

Rescendemos juntos o odor da safra, lavra, rede aberta, aos peixes e ao gado dos homens.

O teu vulto esquivo contra as arcadas da noite e do meu crâneo, o teu fonema fechado, lateral nos quadris do meu corpo que benzes e levedas, o sal dos cílios húmidos e sons. O pudor, o poder, que cedem a outra lei ou alto pão.

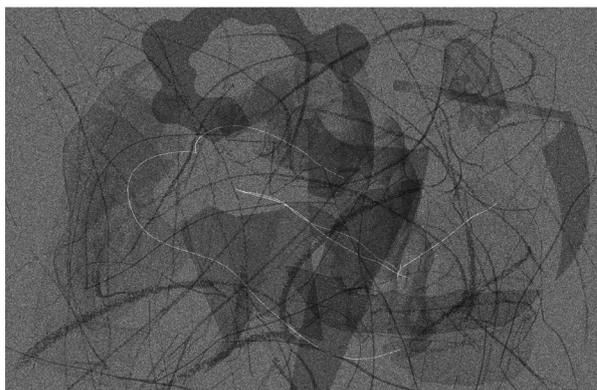
SP_26_B



SALOMÉ_POMAR_txt_28

Ou olhos que se alagam uns dos outros como mel das terras reparadas, ou línguas que se afagam como raças, poldras soltas na planície dos corpos e dos povos.

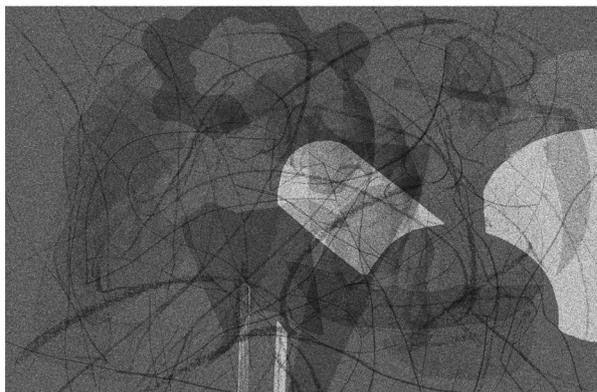
SP_27_B



SALOMÉ_POMAR_txt_29

Muitas vezes marquei encontro comigo próprio no ponto zero.
Aconteceu que os eventos de Maio de 68 me surpreenderam.

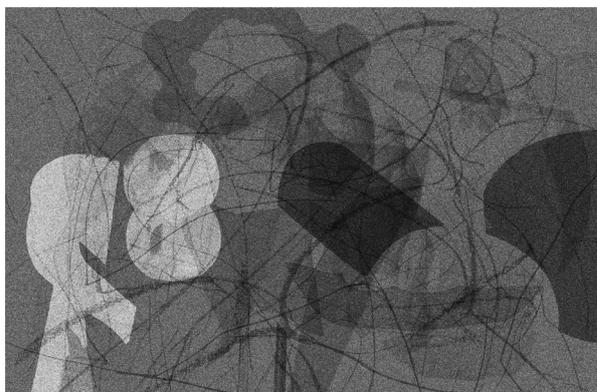
SP_28_B



SALOMÉ_POMAR_txt_30

O espectáculo de uma cidade que discute, que está viva, o que nunca tinha visto na vida e era inesquecível.

SP_29_B



SALOMÉ_POMAR_txt_31

Exaltação de um corpo a corpo, a alegria, o prazer.

SP_30_B



SALOMÉ_POMAR_txt_32

Na beira do caminho jaz a pele de uma cobra:
é inútil dizer que o que de vivo a habitou partiu
para outro lugar.

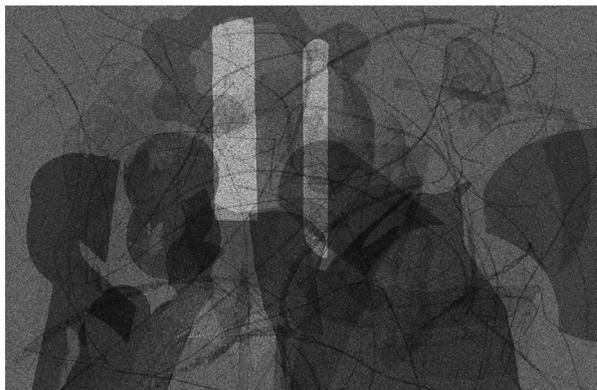
SP_31_B



SALOMÉ_POMAR_txt_33

Comecei, pois, por deixar entre parênteses a ideia de retrato, e deixei a cor para depois. Eu queria o neutro, não o andrógino. A mim próprio proibia excessos.

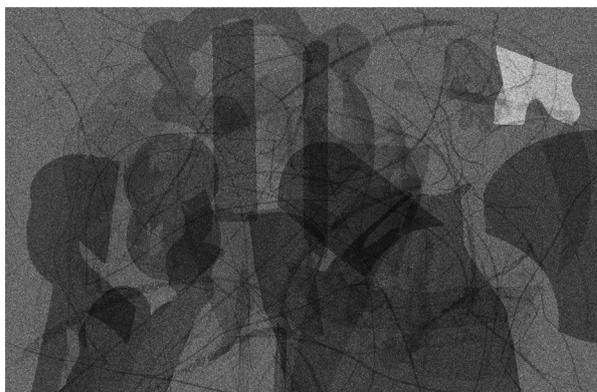
SP_32_B



SALOMÉ_POMAR_txt_34

Eu já não fazia explodir as minhas formas, para depois apanhar os restos e recomeçar mais ou menos a imagem inicial. Todo um trabalho em lentidão, para um olhar fetichizado, ia substituir o registo do espectáculo dinâmico.

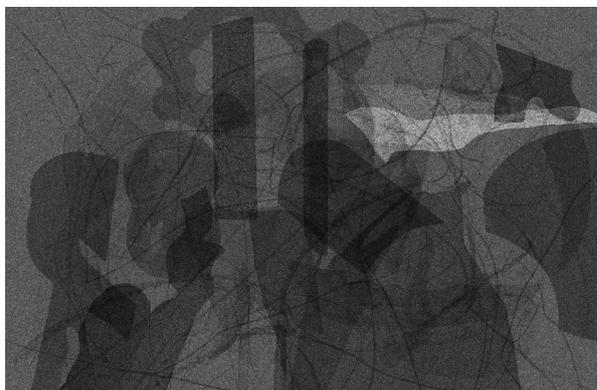
SP_33_B



SALOMÉ_POMAR_txt_35

Foi a progressão redutora de uma tal gramática de ocasião que conotou o falo com qualquer outra forma vertical e tornou a invaginação obrigatória à primeira concavidade ou buraco que aparecer.

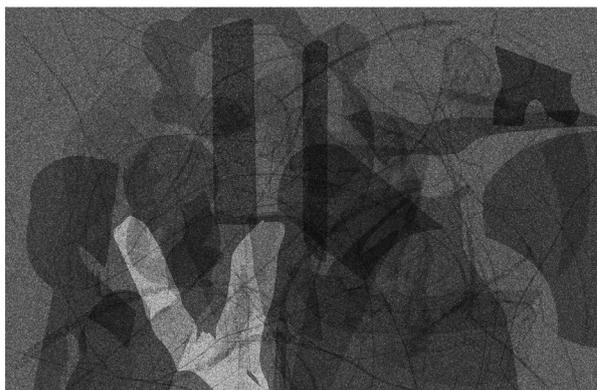
SP_34_B



SALOMÉ_POMAR_txt_36

Aquilo a que chamamos *desejo*: onda obscura de matéria inominável (e as palavras sensatamente alinhadas desta imagem que arrisco não deveriam levar-me perdido até muito longe...).

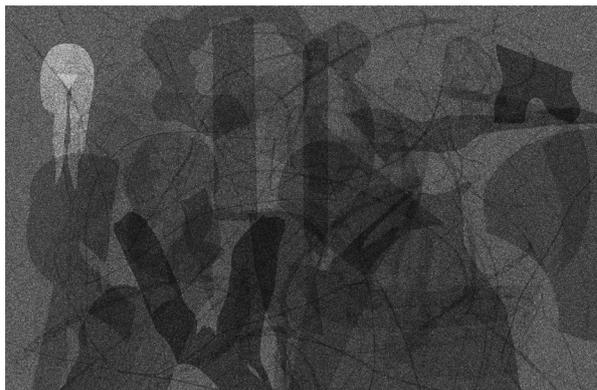
SP_35_B



SALOMÉ_POMAR_txt_37

Chamo verdadeiro a tudo o que revela, introduz, instala os poderes do real, o que faz brotar dessa presença a perturbação e revela a perturbação na presença, perturbação essa que é presença e sem a qual a presença se torna uma história adquirida, pilha gasta.

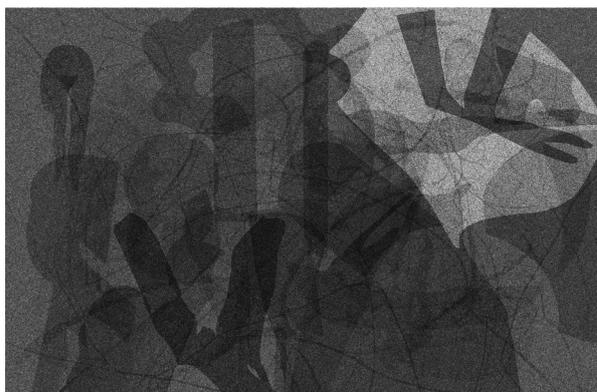
SP_36_B



SALOMÉ_POMAR_txt_38

A memória regista um certo olhar mais depressa do que a forma dos olhos; antes da precisão dos contornos impõe-se o aspecto do corpo, o arco da cintura, o movimento das sobranceiras, o que passa no ar quando alguém se deita, se senta, recomeça a andar.

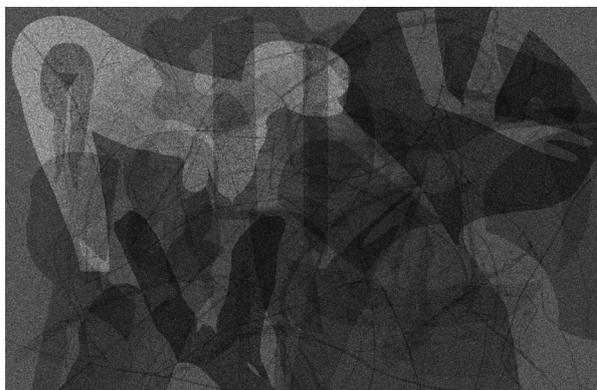
SP_37_B



SALOMÉ_POMAR_txt_39

O ver desperta migrantes vindos de toda a parte, até às profundezas das sedimentações da experiência, em que se produzem as cadeias de associações, trama de todo o discurso.

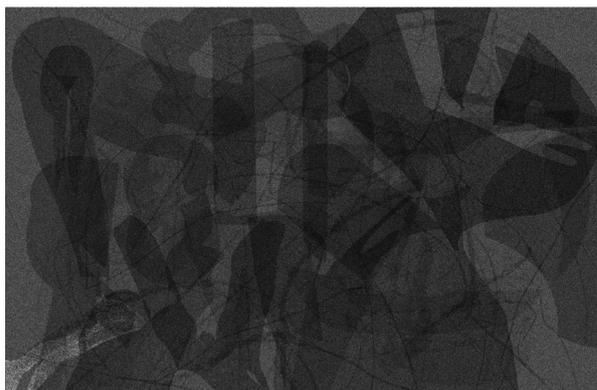
SP_38_B



SALOMÉ_POMAR_txt_40

Entre matéria e palavra há uma brecha onde o vivido falece, onde ao ser da obra falece a palavra; aí onde se cumprem simultaneamente a recepção da obra e o ser em trabalho.

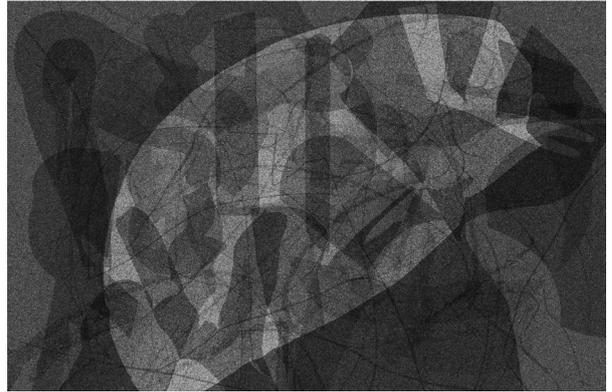
SP_39_B



SALOMÉ_POMAR_txt_41

Seduzir o desejo. Por seu lado, o desejo deixa-se seduzir por objectos. Palavra do vazio, cujo tema é a ausência.

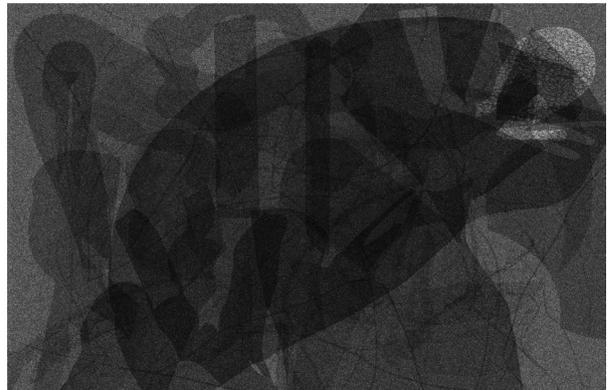
SP_40_B



SALOMÉ_POMAR_txt_42

A tela torna-se um *écran* de onde emergem por menores mais ou menos exactos, sinais do rosto, emblemas do corpo, ao lado de geometrias ambíguas, farsas mecânicas.

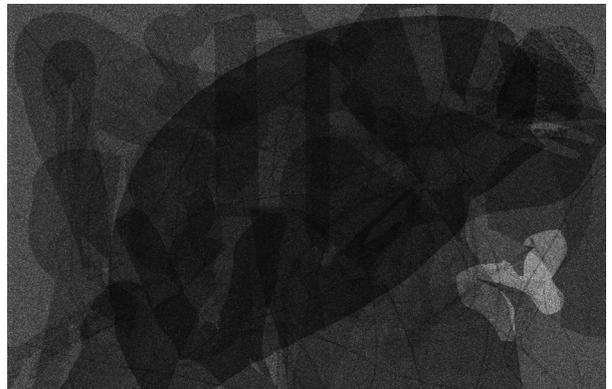
SP_41_B



SALOMÉ_POMAR_txt_43

Algumas pequenas personagens (serão personagens?) chegam de repente: entre um bico de seio e de sexo, caricaturam, à sua maneira de não terem pés nem cabeça, outros comportamentos, novos olvidos.

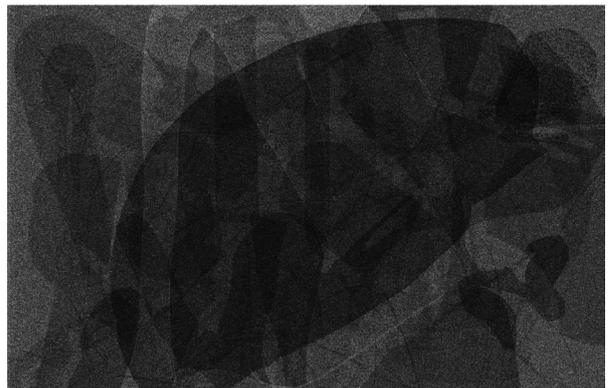
SP_42_B



SALOMÉ_POMAR_txt_44

As minhas mãos são tocadas. A minha geometria é geométrica por metáfora.

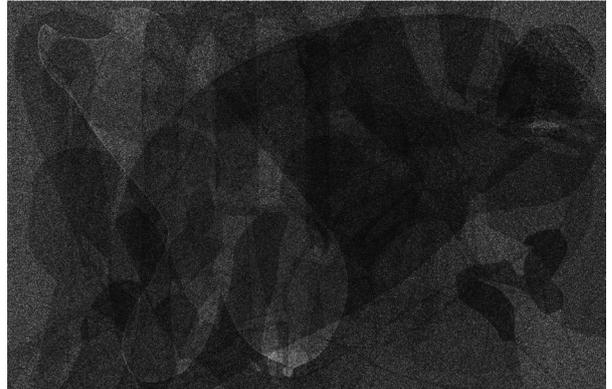
SP_43_B



SALOMÉ_POMAR_txt_45

A tensão das curvas que inscrevem os volumes (no estado de destroços) alimenta-se a cada passo de conjunções e de roturas.

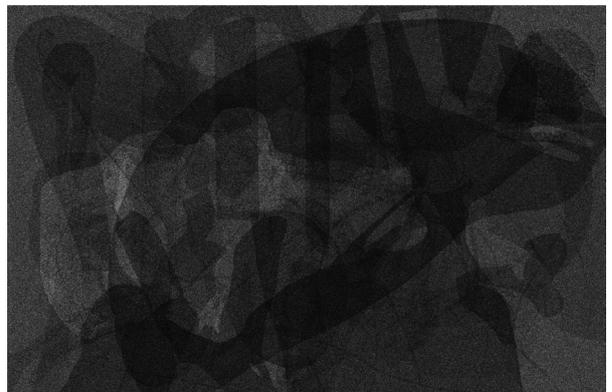
SP_44_B



SALOMÉ_POMAR_txt_46

Pintura que parte da coisa para se tornar pintura do vazio, do vazio como coisa.

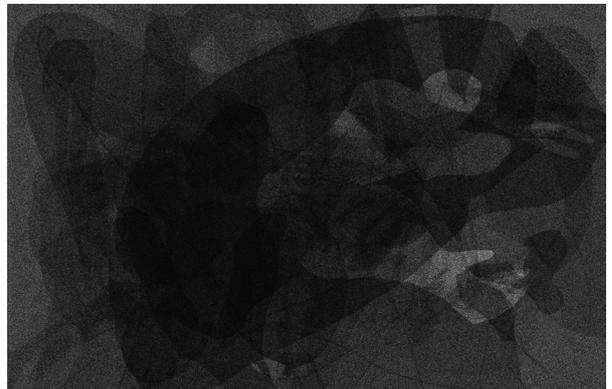
SP_45_B



SALOMÉ_POMAR_txt_47

A forma começou a desfazer-se e, a pouco e pouco, a figuração dissolveu-se.

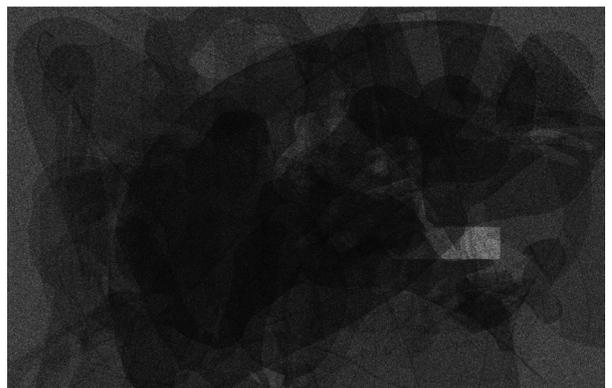
SP_46_B



SALOMÉ_POMAR_txt_48

Não há pintura sem narrativa.

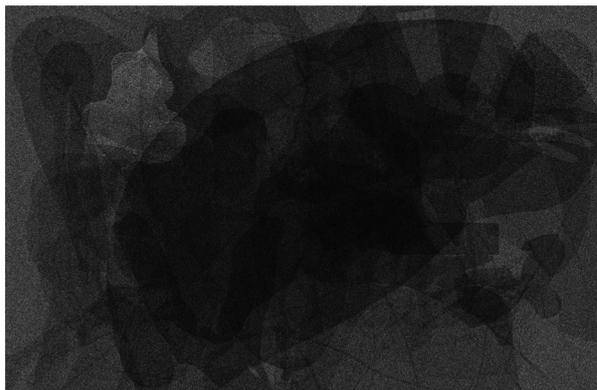
SP_47_B



SALOMÉ_POMAR_txt_49

“Que fazem aí esses tigres?” Dizer “esses tigres” é já um abuso ou uma precipitação, e sempre um vício de forma. Do mísero troféu saíam as cabeças numa bossa redonda, de boca e olhos bem abertos.

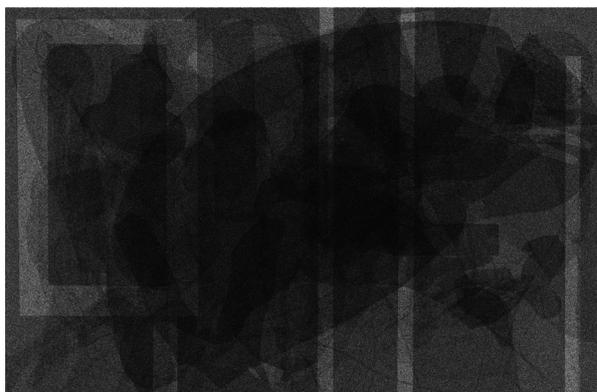
SP_48_B



SALOMÉ_POMAR_txt_50

Vejo neste felino a grande máquina de des-co-ser que vai desencadear inúmeras associações.

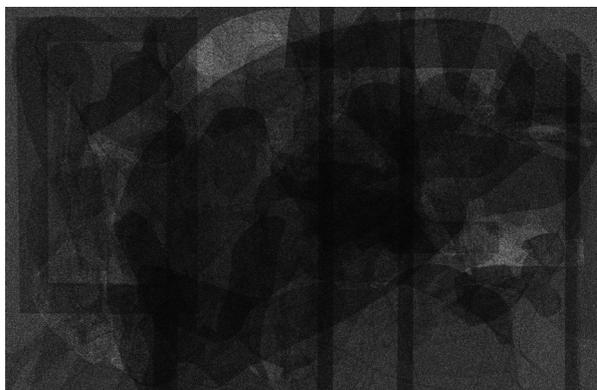
SP_49_B



SALOMÉ_POMAR_txt_51

O mecanismo das riscas será a premonição, a sombra, a marca ou a queimadura das grades?

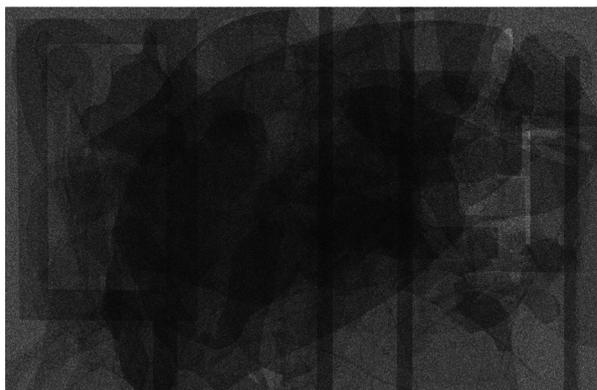
SP_50_B



SALOMÉ_POMAR_txt_52

Estou a pensar na carne da pintura. Ainda não há muito tempo dir-se-ia espírito da pintura: por trás das palavras está o obscuro das crenças. As palavras mágicas é que mudam.

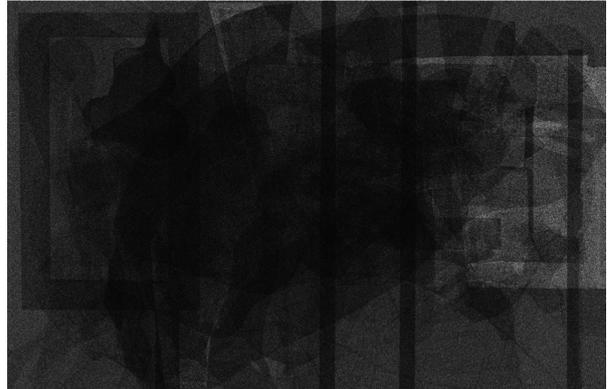
SP_51_B



SALOMÉ_POMAR_txt_53

O guarda-chuva, falo enluvado, tem a dignidade presa por um fio, a ponto de a metáfora ameaçar mudar-se em atestado.

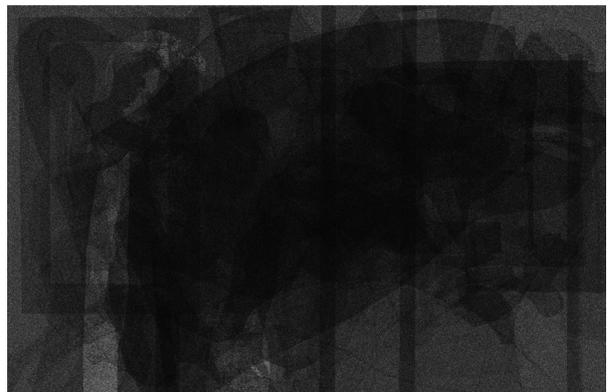
SP_52_B



SALOMÉ_POMAR_txt_54

Se outros atributos, dos mais sedutores da feminilidade, viessem em auxílio da minha imagem em formação, a norma estaria salva: a operação aparentava-se com as rimas de dicionário, com as metáforas mais socializadas, com os sonhos de menos feitiço.

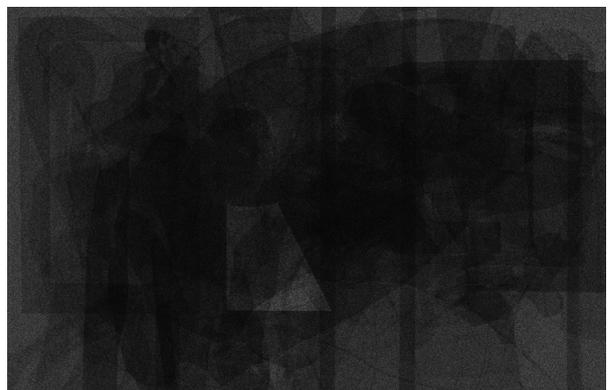
SP_53_B



SALOMÉ_POMAR_txt_55

O rosto não é nunca tão nitidamente figurado como os atributos do corpo.

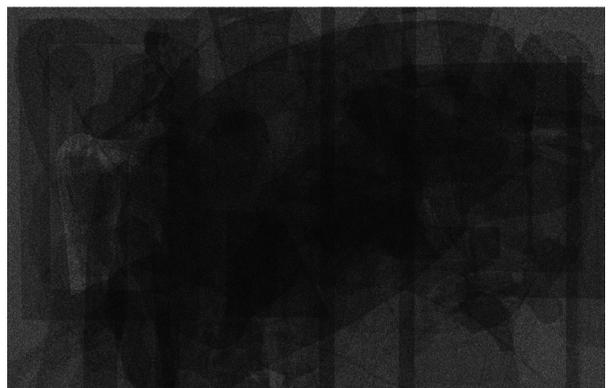
SP_54_B



SALOMÉ_POMAR_txt_56

Só o real é lugar de milagre.

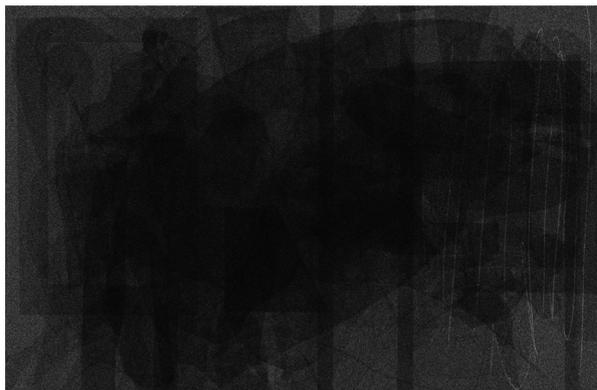
SP_55_B



SALOMÉ_POMAR_txt_57

Queria-me o mais possível disponível para receber as imagens que naturalmente não veria mais.

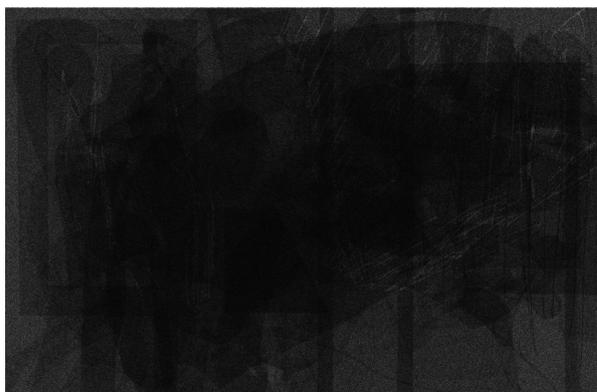
SP_56_B



SALOMÉ_POMAR_txt_58

Todo o peso do universo parece assentar no vazio do círculo desenhado pela aldeia, da mesma maneira que parece esmagar pelo peso do índio que dança curvado sobre o solo.

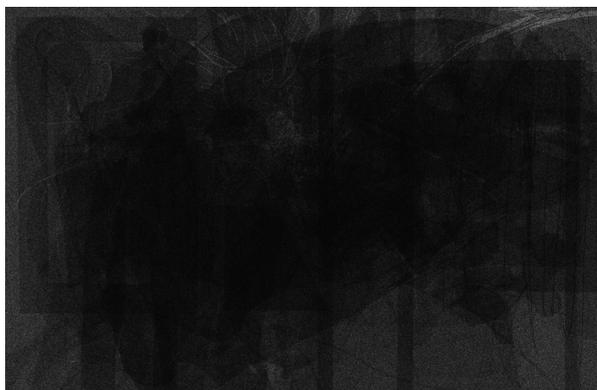
SP_57_B



SALOMÉ_POMAR_txt_59

A ideia de cópia ou imitação dá lugar a um desejo de integração no movimento, mais do que no seu registo. Mas esta é a eterna corrida da palavra atrás da definição do que é sentido.

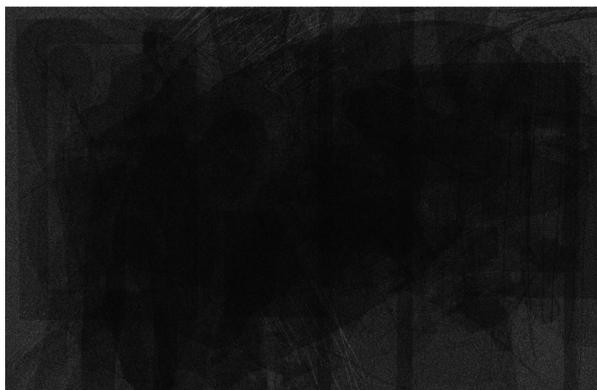
SP_58_B



SALOMÉ_POMAR_txt_60

Espiar tribos primitivas, não estava na exígua lista dos meus projectos.

SP_59_B



SALOMÉ_POMAR_txt_61

Exibiam-se nas mais variadas cabriolas, tirando prazer do mover do corpo como jamais o vi fazer a bailarinos ou acrobatas.

SP_60_B



SALOMÉ_POMAR_txt_62

Cercado de colossos cuja carne pintalgada deliciaria qualquer *fauve*! A pintura, aqui, tem por suporte a nudez. Ora inscreve a magia dos signos, ora se abandona em pinceladas preguiçosas.

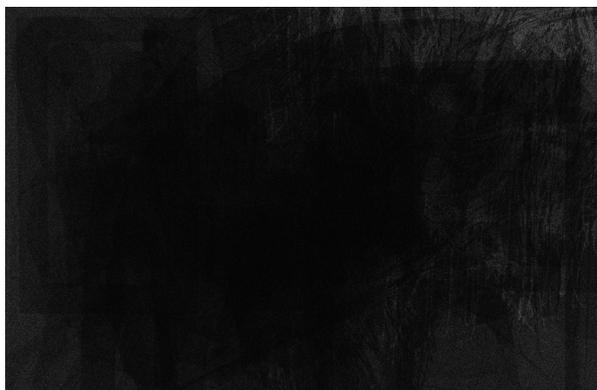
SP_61_B



SALOMÉ_POMAR_txt_63

As linhas finas multiplicam-se como uma sarai-vada de setas, tentando atingir um alvo móvel.

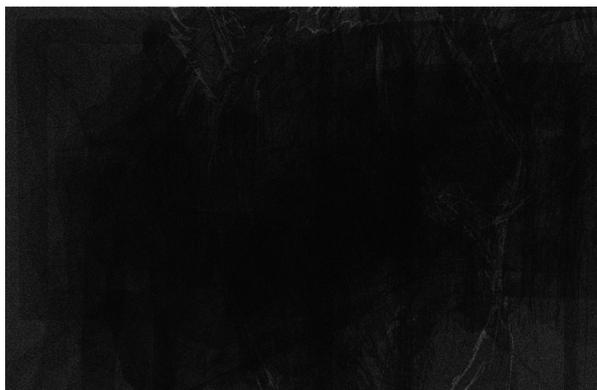
SP_62_B



SALOMÉ_POMAR_txt_64

Crus contrastes de cor, de matéria também, ao compasso dos corpos que acabam por se fragmentar num *puzzle* em cuja lógica os nossos olhos não atinam, meio cegos por um sol que não perdoa.

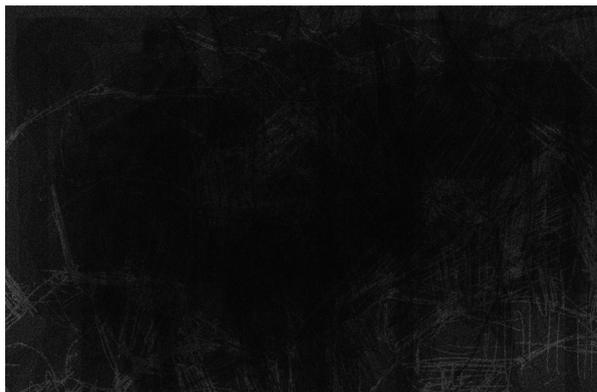
SP_63_B



SALOMÉ_POMAR_txt_65

A epiderme, coiro curtido, orna-se, ou melhor, é cortada e recortada pelo cetim das penas: verdes ácidos, amarelo solar, negros macios, azuis, brancos, vermelhos de fazer perder o fôlego aos mais finos dos pigmentos para artistas.

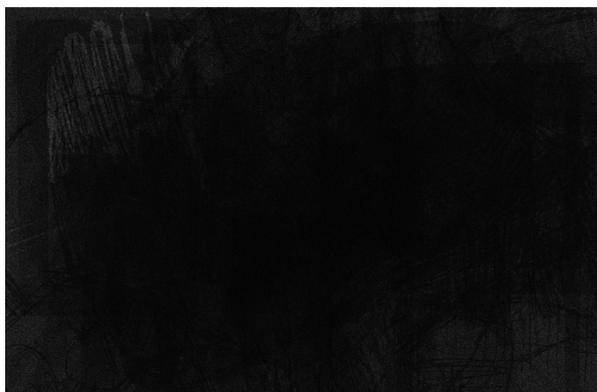
SP_64_B



SALOMÉ_POMAR_txt_66

Vermelhos gritantes (por vezes em empastes oleosos que jamais secarão!), brancos de giz, o baço do negro fuliginoso.

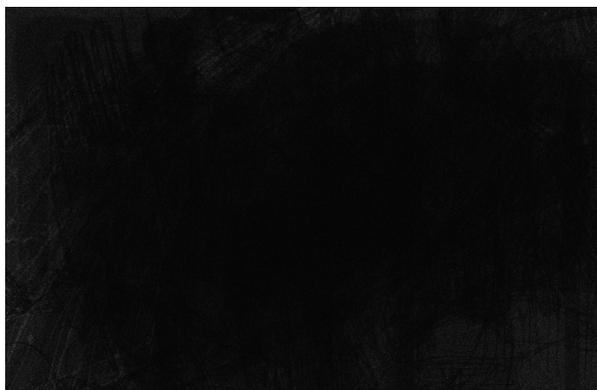
SP_65_B



SALOMÉ_POMAR_txt_67

O traço que apagamos armazena-se nesse entreposto que é a memória. De lá irá sair talvez, um dia, se um acontecimento imprevisto mas concreto, da ordem do pouco que o acaso traz consigo, o empurrar para a frente.

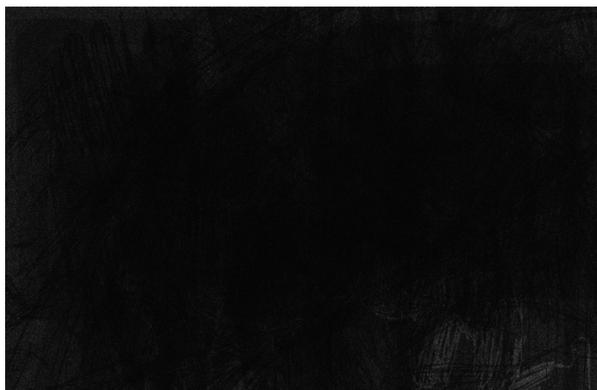
SP_66_B



SALOMÉ_POMAR_txt_68

Quando me vim embora chorei como uma Madalena.

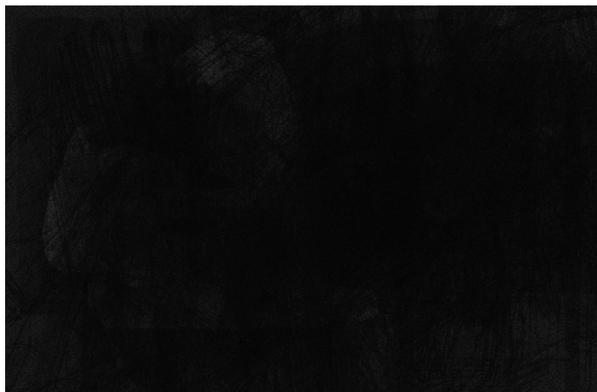
SP_67_B



SALOMÉ_POMAR_txt_69

De uma coisa fazer outra é próprio da obra do mágico e também do artista que se não for capaz desta espécie de magia falha integralmente; e mais de quem, como magos e artistas, se arrisca a tentar aproximar da verdade do homem, animal por natureza esquivo.

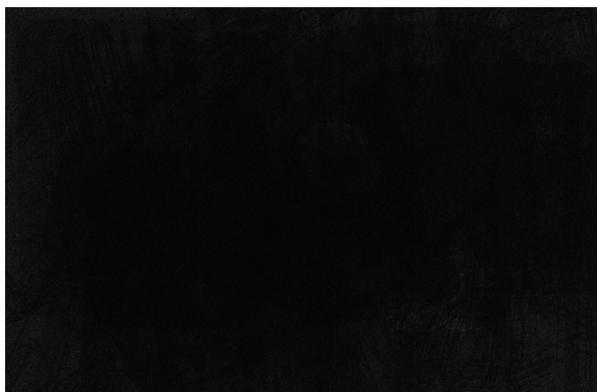
SP_68_B



SALOMÉ_POMAR_txt_70

Todo o *fazer* começa por ser um *querer fazer* e este *querer* serve-nos de bússola e torna-nos sensíveis ao que é susceptível de confirmação e não à insinuação da quase certeza de um calcanhar de Aquiles.

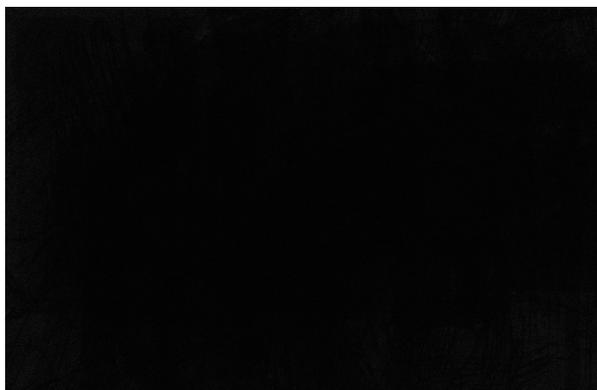
SP_69_B



SALOMÉ_POMAR_txt_71

Para compensar as suas carências maiores os homens inventaram deuses, semideuses, santos e míticos heróis. A este imenso arsenal cada paisano pode ir buscar o que lhe falta e completá-lo se for caso disso.

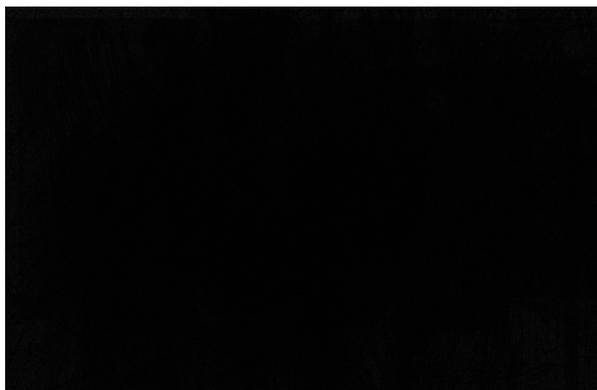
SP_70_C



SALOMÉ_POMAR_txt_72

A gente tem cães danados dentro da cabeça. Ou mordemos o pescoço do cão danado ou o cão danado nos agarra pelo pescoço, portanto é melhor tentarmos fazer de cão, danadamente.

SP_71_B



SALOMÉ_POMAR_txt_73

O desenho é sempre uma primeira vez. A pintura é como encontrar alguém que já se conhece muito bem e com quem se fez uma festa nessa noite.

SP_72_B



SALOMÉ_POMAR_txt_74

Toda a precisão é uma des-figuração.

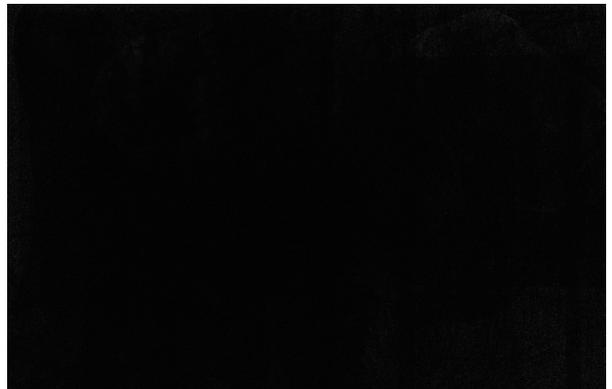
SP_73_B



SALOMÉ_POMAR_txt_75

O animal, que pode parecer ser apenas pretexto de exercício, seria mais tarde promovido a protagonista de farsas mais ou menos insinuadas.

SP_74_B



SALOMÉ_POMAR_txt_76

A vida e a morte entrelaçam-se, são inseparáveis, impõem-nos a sua complementaridade.

SP_75_B



SALOMÉ_POMAR_txt_77

O que me interessa, quando pinto, é a produção de formas, as suas interacções, a energia que libertam, as forças desencadeadas. O corpo vivo de que o quadro, resultado final, é a máscara mortuária, quase.

SP_76_B



SALOMÉ_POMAR_txt_78

O que me atrai no mito é a sua perenidade, a sua modernidade.

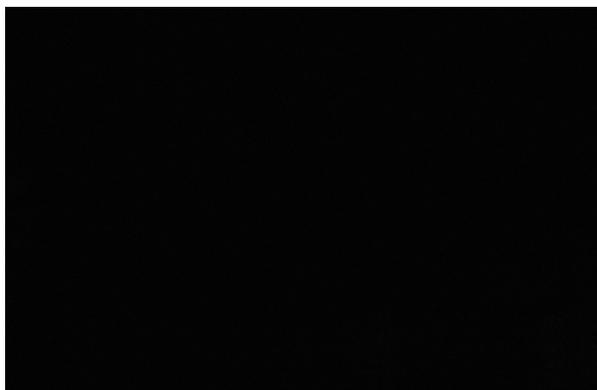
SP_77_B



SALOMÉ_POMAR_txt_79

Penso na morte, mas vagamente. Não sei se me engano, mas tendo a pensar que “terei sono e vou dormir”. Isto por uma razão muito simples, quando acontecer, acontece.

SP_78_B



SALOMÉ_POMAR_txt_80

AUTO-RETRATO

MORTE:

Descansar, rapazes.

SP_80_B

